INTERAGINDO COM A COMUNIDADE: DESMISTIFICANDO LENDAS E CRENDICES SOBRE A HERPETOFAUNA NO SUL DA BAHIA

Fernanda Guimarães Fava[1], João Emanoel de Matos Santos[2], Renan Nunes Costa[3,4]

[1] Programa de Pós-graduação em Ecologia e Conservação da Biodiversidade, Universidade Estadual de Santa Cruz, 45662-900 Ilhéus, Brasil. favafg@gmail.com

2 Departamento de Ciências Biológicas, Universidade Estadual de Santa Cruz, 45662-900 Ilhéus, Brasil. emanoel_santos@hotmail.com

[3] Universidade do Estado de Minas Gerais, Unidade Carangola, 36800-000 Carangola, Brasil. renan.nunes.costa@gmail.com

4 Programa de Pós-graduação em Sistemas Aquáticos Tropicais, Universidade Estadual de Santa Cruz, 45662-900 Ilhéus, Brasil.

Medo, aversão, nojo e pavor. Estas são sensações comuns que muitas pessoas apresentam quando o assunto envolve a herpetofauna, área da Zoologia que estuda os anfíbios e répteis. Por outro lado, há também aqueles que sentem fascínio, admiração, curiosidade e até empatia pelos representantes do grupo. De fato, esse é um tema controverso, interessante e muito importante a ser discutido com a comunidade não científica. A maioria das pessoas não tem contato com esses animais, principalmente em grandes cidades. Entretanto, em cidades do interior, especialmente em bairros próximos a áreas rurais e/ou áreas de vegetação natural, as pessoas costumam encontrar e conviver com representantes da herpetofauna local.

Existem muitas lendas e histórias fantasiosas passadas de geração em geração envolvendo esses animais (Bernarde, 2012). Algumas dessas lendas podem parecer inofensivas, como a lenda da princesa que beija um sapo e ele se transforma em príncipe. Mas será que são tão inofensivas assim? E se alguém, inocentemente, tentar beijar um sapinho venenoso, como os coloridos dendrobatídeos amazônicos? E se por acaso alguém tentar compartilhar seu conhecimento popular durante o manuseio de uma serpente peçonhenta? É assim que acidentes acontecem, como ocorreu em Caetité, no estado da Bahia, onde um rapaz veio a óbito após "brincar" com uma coral verdadeira (*Micrurus* sp.), afirmando que essa serpente "ferroa pelo rabo" (https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/2019/04/08/video-mostra-brincando-com-cobra-coral-antes-de-ser-picado-por-animal-e-morrer-na-bahia.ghtml).

Ainda na Bahia, outro exemplo é amplamente compartilhado entre as pessoas. Acredita-se que a surucucu-pico-de-jaca (*Lachesis muta*) tem um ferrão venenoso na ponta da cauda, apresenta cheiro de jaca (a fruta) e emite um "piado" durante a noite. Bem, em uma breve explicação simplista, as escamas modificadas na ponta da cauda da surucucu dão um aspecto de ferrão que confunde as pessoas (Bernarde, 2012), o cheiro de jaca é muito comum e vem dos pés de jaca espalhados pelas cabrucas e florestas, sendo que seu nome popular vem da semelhança das escamas dorsais com a casca de uma jaca (Argôlo, 2004), e o piado ouvido no período noturno é, provavelmente, oriundo de algum anfíbio ou inseto, já que serpentes não vocalizam. A medida que aumenta o compartilhamento de diferentes crendices que tornam as anfíbios e répteis seres malignos e que trazem mau agouro, aumenta a taxa de mortalidade de exemplares da rica herpetofauna do Sul da Bahia. Pensando em exemplos como estes e com o objetivo de reduzir o impacto sobre a herpetofauna, assim como alertar quanto à prevenção de acidentes ofídicos, desenvolvemos um trabalho de divulgação e popularização da ciência para desmistificar lendas e crendices associadas ao grupo.

Em uma parceria entre discentes da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC) e o Instituto Boitatá de Etnobiologia e Conservação da Fauna aplicamos o projeto intitulado "**Desmistificando lendas e crendices sobre a herpetofauna**", no qual realizamos palestras em escolas de ensino fundamental II na zona rural e semi-urbana do município de Ilhéus-BA, entre Outubro de 2019 e Fevereiro de 2020 (Figura 1). De maneira geral e didática, tratamos de características gerais dos répteis e anfíbios, dando ênfase na diferenciação entre serpentes peçonhentas e não-peçonhentas, assim como quanto às atitudes para evitar e socorrer pessoas que venham a sofrer acidentes ofídicos. Ainda de maneira expositiva, conversamos a respeito das lendas e crendices que envolvem anfíbios e répteis, ouvindo e debatendo sobre os relatos dos alunos. Como resultado observamos que a maioria das pessoas "já tinha ouvido falar" e acreditava nessas estórias e "causos". Por fim, realizamos o manuseio de exemplares de sapos, rãs, pererecas e serpentes (peçonhentas e não-peçonhentas) que ocorrem na região e que estão depositados na coleção didática do Museu de Zoologia da Universidade Estadual de Santa Cruz (MZUESC) (Figuras 2 e 3).

O contato dos alunos com os animais despertou a curiosidade e nos auxiliou a quebrar algumas barreiras, como a fobia e o preconceito, especialmente as serpentes (Figura 4). Notamos que a medida em que apresentamos as características morfológicas, fisiológicas e comportamentais dos anfíbios e répteis, os alunos entendiam e contesta-

vam seus próprios contos e estórias. Em cada abordagem e conversa percebemos que quanto maior a atenção e empatia da nossa equipe maior era a troca de experiência e confiança dos alunos para sanar dúvidas referentes a herpetofauna. No cenário atual, onde nota-se um aumento do negacionismo da ciência, de crenças como o "terraplanismo" e o uso desenfreado de *fake news* (notícias falsas), que tem gerado efeitos significativos na sociedade, é necessário que busquemos ainda mais a redução da distância entre a academia (i.e. ciência) e a sociedade para que possamos dar um retorno real e necessário para aqueles que estão fora dos muros da Universidade, especialmente as crianças e adolescentes.

Agradecimentos

Agradecemos ao Instituto Boitatá pela parceria e apoio dado durante a realização do projeto e também às escolas e alunos da região, disponibilizando tempo e espaço e demonstrando grande interesse e participação durante as atividades.

Referências

Argôlo A. J. S. 2004. As serpentes dos cacauais do sudeste da Bahia. Editus. Ilhéus-BA. 260 p.

Bernarde P. S. 2012. Anfíbios e Répteis - Introdução ao estudo da Herpetofauna Brasileira. Anolis Books. Curitiba-PR. 320 p.

Editor: Iberê F. Machado



Figura 1. Fernanda Fava e Renan Costa durante a primeira palestra na escola em Olivença, Ilhéus, BA.



Figura 2. Exposição do material didático durante a palestra.



Figura 3. Exposição do material didático durante a palestra.



Figura 4. Integrantes do projeto, Fernanda Fava, João Emanoel Santos e Renan Costa e a aproximação e interesse dos alunos com o material didático.